

## A Aprendizagem sobre a Condição Humana para os Profissionais de Saúde em o Pequeno Príncipe

### *The Learning of Human Condition for Health Professional in The Little Prince*

Elane da Silva Barbosa<sup>1</sup>. Mestre em Educação pela UERN. Professora do Curso de Enfermagem e Coordenadora dos Cursos de Especialização da área da Saúde da FVJ. E-mail: elane@fvj.br

Ailton Siqueira de Sousa Fonseca. Doutor em Ciências Sociais pela PUC/SP. Professor do Departamento de Ciências Sociais e Política da UERN. Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação, nível mestrado e do Mestrado Interdisciplinar em Ciências Sociais e Humanas da UERN. E-mail: ailtonsiqueiral@uol.com.br

Camila de Araújo Carrilho. Mestranda pelo Programa de Cuidados Clínicos em Enfermagem e Saúde UECE. E-mail: camila\_carrilho\_14@hotmail.com

Jocasta Maria de Oliveira Morais. Mestre em Saúde e Sociedade pela UERN. Professora do Curso de Enfermagem da FACENE e da UnP. E-mail: jocasta-enfermagem@hotmail.com

### RESUMO

A busca pelo conhecer a si mesmo tem sido esquecida, o que vem repercutindo nos vários âmbitos da vida, inclusive no profissional. Na saúde, o cuidado construído pelos profissionais está se tornando tecnicista e racionalista. A literatura, por sua vez, pode ajudar os seres humanos a encontrar sua identidade humana ao abordar as singularidades de personagens inseridos num tempo e espaço. Este artigo objetiva pensar como o romance *O pequeno príncipe*, de Antoine de Saint-Exupéry, pode contribuir para a reflexão sobre a condição humana, particularmente a dos profissionais de saúde. A presente reflexão alicerçar-se-á em dois personagens que o príncipe encontra ao passear pelos planetas: o rei e o homem de negócios, os quais personificam as ações humanas quotidianas, inclusive no exercício de uma profissão. Na saúde, podem ser facilmente identificados. A fragmentação do ser humano em sistemas ou em órgãos ou sua redução a uma patologia são exemplos das certezas criadas pela ciência, representada pelo rei. A fragilidade das relações entre profissional e usuário exemplifica a postura do homem de negócios na saúde. Sendo assim, o romance *O pequeno príncipe* conduz a uma reflexão poética e filosófica sobre a vida, as relações humanas, a ética, a prática profissional.

**Palavras-chave:** Condição humana; Profissional de Saúde; *O Pequeno Príncipe*.

### ABSTRACT

The quest for knowing oneself has been forgotten, which has repercussions in all areas of life, including professional. In health, the care built by the professionals are becoming technical and rationalist. The literature, in turn, may help humans find their human identity when addressing the singularities of characters entered in a space and time. This article

<sup>1</sup> Autora correspondente. Artigo recebido em 20 de maio de 2014. Aprovado em 23 de junho de 2014. Avaliado pelo sistema *double blind review*.

aims to consider how the novel *The Little Prince*, of Antoine de Saint-Exupéry, can contribute to reflection about the human condition, particularly of the health professionals. This reflection rest in two characters that the prince finds when touring planets: the king and the businessman, which personify the everyday human actions, including the exercise of a profession. In health, can be easily identified. The fragmentation of the human in systems or organs or their reduction to a pathology are examples of the certainties created by science, represented by the king. The fragility of the relationship between professional and patient exemplifies the attitude of businessman in health. Thus, the novel *The Little Prince* leads to a poetic and philosophical reflection on life, human relations, ethics, professional practice.

**Keywords:** Human Condition; Health Professional; *The Little Prince*.

### INICIANDO A REFLEXÃO...

O desenvolvimento técnico-científico está ocasionando inúmeras transformações na vida das pessoas. Pode-se dizer que se trata de uma revolução. Uma poderosa revolução nos valores humanos. Luz (2004) explica que novos valores estão vindo à tona, enquanto outros, em compensação, estão sendo perdidos ou colocados em segundo plano. A busca pelo ter, pela acumulação de bens materiais prevalece. A busca pelo conhecer-se a si mesmo, pelo ser, tem ficado em segundo plano.

Esse paradigma de valores humanos que vem se consolidando no contexto societário nacional repercute nos vários âmbitos da vida, inclusive no profissional. No setor saúde não é diferente. O cuidado construído pelos profissionais de saúde está se restringindo a um viés meramente tecnicista, que se reduz a procedimentos racionalistas, nos quais a subjetividade inerente à relação entre humanos é negada. Por isso, amplamente vem-se discutindo a necessidade da humanização ou do resgate do cuidado na produção do serviço em saúde, numa tentativa de se valorizar o ser humano.

É importante fazer algumas ponderações acerca da discussão da humanização e do resgate do cuidado, a qual muitas vezes fica restrita apenas ao ser profissional. É preciso recordar que o ser profissional não abraça ou expressa toda a condição humana. É somente uma dimensão pequena dessa condição. Esperidião (2001) defende que os profissionais de saúde só serão capazes de reconhecer o outro – o usuário - como ser humano se forem capazes de reconhecer a sua própria condição humana.

A crise vivenciada no setor saúde não é simplesmente uma crise do profissional que está perdendo seus valores éticos, mas é, antes de tudo, uma crise ética do humano. Morin (2007a) apresenta o argumento de que, para se vivenciar a ética nas relações sociais, precisa-se, *a priori*, de uma autoética, uma ética de si mesmo. No mesmo sentido Almeida (2003a, p. 195) observa que “Não há como repensar os avanços nem os aspectos nefastos da civilização, da ciência e da tecnologia, nem fazer uma crítica ao projeto excêntrico da cultura humana se não nos auto-interrogarmos e reformarmos nossa visão de mundo.”.

Ajudar os sujeitos a assumir sua condição humana, eis uma das finalidades da educação defendida por Morin (2003). É preciso (re)ligar os saberes. Unir as ciências humanas às ciências da vida, permitindo que se obtenha uma visão integral do ser humano, um ser, ao mesmo tempo, biológico, cultural, histórico, econômico, psíquico, mítico, marcado pela razão, pelas emoções e pelos instintos (MORIN, 2007b).

A literatura pode ser uma escola da vida, uma estratégia para auxiliar os seres humanos a encontrarem a sua identidade humana. A literatura tem o poder de revelar a universalidade da complexa condição humana ao abordar as particularidades de

personagens inseridos num tempo e espaço. Em toda obra da literatura há um grande pensamento sobre a condição humana (MORIN, 2003).

Objetiva-se, pois, neste artigo pensar como a literatura pode contribuir para que os profissionais de saúde reflitam sobre a sua condição humana. O romance *O pequeno príncipe* será o operador cognitivo que permitirá pensar sobre essas questões.

### **CONHECENDO O PEQUENO PRÍNCIPE...**

*O pequeno príncipe* foi publicado no ano de 1943, pelo francês Antoine de Saint-Exupéry. Aparentemente, como o próprio autor prefacia, parece destinado exclusivamente para crianças, mas quando fala em infância, não se refere à fase cronológica da vida. Todo ser humano guarda em si o ser criança. Como diz Morin (2007b, p. 86): “[...] através da multiplicidade sucessiva das idades, cada um, sem perceber, carrega, presente em todas as idades, todas as idades”.

A beleza do livro talvez esteja no resgate da criança adormecida que existe em cada um, fazendo os indivíduos enxergar o encanto do cotidiano e, por meio disso, exercitar o olhar sensível e a razão poética capazes de perceber o “humano do humano” que habita em cada um.

O romance aborda a história de um príncipe que vivia em outro planeta e decide visitar a Terra. O narrador anônimo desse livro se encontra com ele quando o seu avião cai no deserto do Saara, na África. Enquanto o narrador se empenha em consertar seu avião, ouve o príncipe chamando-o para desenhar uma ovelha. Então, nasce uma relação de amizade entre os dois (SAINT-EXUPÉRY, 2007).

No seu planeta, o príncipe tinha uma rosa que muito amava, por isso a protegia. As exigências da flor eram proporcionais à sua beleza. Um dia, cansado de ouvir seus reclames, o príncipe deixou o seu pequeno planeta, o asteroide B12, para conhecer outros lugares. Antes de chegar a Terra visitou muitos planetas, habitados por pessoas que viviam isoladas: um rei, um vaidoso, um homem de negócios, um bêbado, um acendedor de lampiões, um geógrafo. Ao chegar ao planeta Terra, encontra uma raposa que lhe dá alguns ensinamentos sobre o amor, dizendo que, embora encontre um jardim cheio de flores, a sua flor sempre será única, pois criaram laços. Com saudades da sua rosa, ele retorna ao seu planeta. O narrador, por mais que tenha ficado triste com a sua partida, entende que sempre serão amigos e que, ao olhar para as estrelas do céu, se recordará do seu pequeno príncipe (SAINT-EXUPÉRY, 2007).

A fim de apresentar aprofundadamente as ideias que irão alicerçar a construção deste texto optou-se por trabalhar com dois personagens que o príncipe encontra ao passear pelos planetas: o rei e o homem de negócios.

### **O REI: A AUTORIDADE RACIONAL NEGA O OUTRO**

O primeiro planeta que o príncipe visitou era habitado por um rei que, embora morasse sozinho, acreditava que todos eram seus súditos.

Ah ! Eis um súdito, exclamou o rei ao dar com o príncipezinho.  
E o príncipezinho perguntou a si mesmo:  
Como pode ele reconhecer-me, se jamais me viu?  
Ele não sabia que, para os reis, o mundo é muito simplificado. Todos os homens são súditos.  
Aproxima-te, para que eu te veja melhor, disse o rei, todo orgulhoso de poder ser rei para alguém. (SAINT-EXUPÉRY, 2007, p. 19).

O monarca começou a dar ordens ao príncipe, porque fazia questão de ser obedecido. Para convencer o príncipe a ser seu súdito, ofereceu-lhe um cargo de Ministro da Justiça. O príncipe o interrogou sobre a quem julgaria se ele morava sozinho no planeta. “Tu julgarás a ti mesmo, respondeu-lhe o rei. É o mais difícil. É bem mais difícil julgar a si mesmo que julgar os outros. Se consegues julgar-te bem, eis um verdadeiro sábio.” (SAINT-EXUPÉRY, 2007, p. 21). Isso mostra que, por mais que o rei fosse autoritário em alguns momentos, dava ordens permeadas por conhecimentos importantes para a vida. Mas o príncipe não aceitou as propostas do monarca e continuou seu passeio por outros planetas. Como criança que era, o príncipe não pensava ainda sobre si mesmo, não julgava a si próprio. Como toda criança, ele queria descobrir, brincar, viajar, se encantar, viver. Porém a sua viagem se torna também uma viagem de descoberta de profundas e elementares aprendizagens da vida.

Na condição de seres humanos os indivíduos agem assim. O rei encarna os ideais da ciência. Quando as pessoas se vestem com as vestes reais da ciência passam a acreditar que só elas têm o conhecimento, que só tem valor o que falam, que somente elas têm a autoridade necessária para discorrer sobre um tema e todos devem ficar submissos à sua autoridade científica, cumprindo as suas ordens.

O conhecimento científico ocasionou muitos progressos. A ciência permitiu que se desvendassem mundos inexplorados, que se conhecessem realidades sequer imaginadas. A ciência, no entanto, também produziu consequências negativas para a humanidade (MORIN, 2007c).

É perceptível nesse contexto a necessidade de se superar a visão que polariza a ciência como algo bom ou algo ruim. Ela apresenta pontos negativos e positivos (MORIN, 2007). O rei bem sabe disso:

É preciso exigir de cada um o que cada um pode dar, replicou o rei. A autoridade repousa sobre a razão. Se ordenares a teu povo que ele se lance ao mar, farão todos revolução. Eu tenho o direito de exigir obediência porque minhas ordens são razoáveis. (SAINT-EXUPÉRY, 2007, p. 20).

Um aspecto positivo e negativo do desenvolvimento científico pode ser observado na criação de disciplinas. Se por um lado compartimentar os saberes em disciplinas permitiu ao homem alcançar um conhecimento extremamente específico sobre determinadas temáticas, por outro gerou não apenas a divisão do trabalho, mas a superespecialização, que leva à perda da visão generalista e à fragmentação dos saberes. Cada vez se sabe mais sobre cada vez menos. Além disso, a superespecialização gera um enclausuramento (MORIN, 2007c). Um isolamento não só dos saberes, mas de quem os produz. Era por isso que o rei vivia sozinho em seu reino, porque suas verdades científicas o isolaram da vida com-os-outros. O rei, por viver sozinho no seu planeta, criou suas próprias regras e acreditou que todos deveriam segui-las sem questioná-las por causa da sua autoridade.

As pessoas fazem a mesma coisa. Estudam, pesquisam, produzem conhecimentos e, por isso, passam a acreditar que têm autoridade científica e os outros devem seguir seus pensamentos, suas ideias, seus ideais. Desvalorizam o conhecimento do outro porque não está vestido com o manto aristocrático da ciência que creem “a verdadeira e única”. Ao fazer isso, esquecem que suas “ideias não são reflexos do real, mas traduções dele” (MORIN, 2007c, p. 145). Cometem o pior erro: crer que possuem a verdade absoluta. Essa atitude os impede de enxergar seus erros. Assim fez o rei: impôs sua verdade ao príncipe. Nunca assumiu seu limite: não tinha súditos. Morava sozinho no planeta.

Os profissionais de saúde estão incorporando o estereótipo do rei em seu dia a dia. Sentem dificuldade de assumir que são limitados, frágeis, que não podem fazer nada em alguns casos. “As capacidades da ciência, bem como o poder médico, parecem sem limites, ou quase, pelo menos nas esperanças dos pesquisadores.” (PAUL, 2008, p. 36).

É como se as certezas fossem o amuleto capaz de espantar o fantasma dos limites, das impossibilidades, da imprevisibilidade; as certezas são as âncoras das verdades cotidianas e científicas. Na saúde, os amuletos preferidos são a fragmentação do ser humano em sistemas/órgãos e a sua redução ao quadro clínico, isto é, a sinais e sintomas de uma patologia. Cada especialista sabe cada vez mais sobre um sistema, um órgão e cada vez menos sobre o ser humano na sua integralidade. Conhece as partes, mas não o todo que há nas partes e as partes que formam o todo.

O homem é reduzido a um corpo compartimentado, fragmentado, dividido. Um corpo biológico que está doente. Incapaz de controlar tudo aquilo que o cerca, apega-se àquilo que pode controlar, como se evidencia nas palavras de Bauman:

Absorvemo-nos em observar “os sete sinais do câncer” ou “os cinco sintomas da depressão”, ou em exorcizar o espectro da hipertensão e do colesterol alto, do estresse ou da obesidade. Em outras palavras, buscamos alvos substitutos, nos quais possamos descarregar o excesso de medo impedindo de ter acesso aos escoradouros naturais, e encontramos esses paliativos nas cuidadosas precauções contra a fumaça do cigarro, a obesidade, a comida da lanchonete, o sexo desprotegido ou a exposição ao sol. (BAUMAN, 2004, p. 92).

Nesse sentido, “a medicina tende mais a preocupar-se com os mecanismos da doença do que com a pessoa” (PAUL, 2008, p. 39), porque é mais fácil, mais simples, mais previsível conhecer a fisiopatologia, os sinais e sintomas de uma doença do que se aventurar a conhecer a condição humana. Como alertam Leloup e Boff (2001, p. 18), “[...] algumas vezes nós estudamos demais o ser humano a partir de suas doenças, quando poderíamos conhecê-lo melhor a partir de seu estado de matização”. É preciso cuidar daquilo que não está doente. “Cada sintoma pede uma interpretação em diferentes planos, evitando o encerramento da pessoa num único nível.” (LELOUP, 2009, p. 22).

Sob essa perspectiva, é compreensível que os profissionais de saúde tenham dificuldade de conseguir a participação dos sujeitos em ações educativas. Os usuários questionam o sentido de participar de atividades nas quais sua realidade é negada, seus saberes são desprezados, sua voz é o silêncio. São dadas apenas orientações a serem seguidas. Orientações acerca dos cuidados em relação a patologias, e não cuidados em relação à vida. Mais do que os próprios trabalhadores da saúde, os usuários sabem que a vida não se reduz a doenças. Talvez estejam fazendo como o pequeno príncipe: “Como o rei não dissesse nada, o príncipezinho hesitou um pouco; depois, suspirou e partiu.” (SAINT-EXUPÉRY, 2007, p. 21).

## **O HOMEM DE NEGÓCIOS: A FRAGILIDADE DAS RELAÇÕES INTERPESSOAIS**

O Príncipe visitou outros planetas. “O quarto planeta era o do homem de negócios que estava tão ocupado que sequer levantou a cabeça” (SAINT-EXUPÉRY, 2007, p. 24), num comportamento típico dos homens de negócios de hoje que não têm tempo para nada nem para ninguém, fala com o outro como se falasse com uma máquina. O homem de negócios preocupava-se em contar, contar, contar. Contar o número de estrelas. Não tinha tempo para apreciá-las.

São pois quinhentos e um milhões, seiscentos e vinte e dois mil, setecentos e trinta e um.

Quinhentos milhões de quê?

Hem? Ainda estás aqui? Quinhentos e um milhões de... eu não sei mais ... Tenho tanto trabalho. Sou um sujeito sério, não me preocupo com ninharias! Dois e cinco, sete... (SAINT-EXUPÉRY, 2007, p. 24).

A cultura contemporânea, a educação dos tempos atuais estimula as pessoas a se comportarem como o homem de negócios. Não se pode perder tempo. Dedicar-se mais, mais e mais horas para o trabalho e se esquece do restante da existência. Faz-se da profissão a própria vida. Reduz-se a vida ao trabalho. O importante são os dígitos na conta bancária, os bens acumulados. Privilegia-se o ter em detrimento do ser. Necessita-se do ter para viver. É interessante, no entanto, pensar que o ter precisa se alicerçar no ser. Vida cheia de ter, às vezes, fica vazia de ser. Ter sem ser é sinônimo de vida sem sentido.

É pertinente a percepção de Bauman (2004) ao afirmar que se vive numa sociedade moderna líquida, cuja principal característica é a fragilidade dos vínculos entre os seres humanos. Os relacionamentos interpessoais são rompidos com a mesma rapidez com que se estabelecem. “Velocidade, e não duração é o que importa” (BAUMAN, 2004, p. 15). Na vida líquida, transfere-se a lógica do mercado para os relacionamentos. O homem de negócios dá pouca importância aos relacionamentos e grande prioridade à lógica mercadológica. “A vida líquida é uma vida de consumo” (BAUMAN, 2004, p. 15). Na sociedade de consumo, as pessoas são levadas a consumir cada vez mais os produtos das prateleiras das lojas. O importante é ter. Ter cada vez mais e com um lucro cada vez maior. “Como se esvazia o sentimento de ser, é preciso ter. E muito. Sempre mais.” (ALMEIDA, 2003a, p. 297). As pessoas passam a ser números. Objetos a serem consumidos.

O homem de negócios é um exemplo do ser humano movido pelos ideais da sociedade de consumo. Para ele importava somente saber o número das estrelas, e não a intensidade do seu brilho. Admirar a sua beleza não tinha valor. “Eu sou um sujeito sério. Gosto de exatidão.” (SAINT-EXUPÉRY, 2007, p. 24).

Para Buber (2001), o eu, o ser humano, estabelece dois tipos de relacionamentos: com outro ser humano, chamado de tu, e com objetos, o isso. Precisa-se dos dois tipos de relacionamentos. Em alguns casos, quando se perde a compreensão da condição humana do outro, trata-se o “tu” como se fosse “isso”. Ou se relaciona apenas com o “isso”, esquecendo o “tu”. “E com toda seriedade da verdade, ouça: o homem não pode viver sem isso, mas aquele que vive somente com o isso não é homem.” (BUBER, 2001, p. 39). Quando as pessoas se relacionam só com o “isso”, não sabem se relacionar com o “tu”. O Homem de negócios é um exemplo disso. Eis um trecho de um diálogo dele com o pequeno príncipe:

Eu, disse ele ainda, possuo uma flor que rego todos os dias. Possuo três vulcões que revolvo toda semana. Porque revolvo também o que está extinto. A gente nunca sabe. É útil para os meus vulcões, e útil para a minha flor que eu os possuía. Mas tu não és útil às estrelas...

O homem de negócios abriu a boca, mas não achou nada a responder, e o príncipezinho se foi... (SAINT-EXUPÉRY, 2007, p. 24).

O homem de negócios não sabia que as coisas importantes da vida não podem ser quantificadas. “E isto porque existem inúmeros domínios da condição humana não contáveis: nem tudo é produto para o mercado.” (ALMEIDA, 2003b, p. 302). “A

quantificação não indica nada sobre as qualidades.” (MORIN; TERENA, 2004, p. 31); ensina o pequeno príncipe ao homem de negócios: “Eu, se possuo um lenço, posso colocá-lo em torno do pescoço e levá-lo comigo. Se possuo uma flor, posso colher a flor e levá-la comigo. Mas tu não podes colher as estrelas.” (SAINT-EXUPÉRY, 2007, p. 24).

Restrepo (1994) diz que a fuga do amor é facilmente perceptível na figura do empresário, do executivo, do homem de negócios, que, por ter medo de viver a ternura, se refugia no trabalho, criando uma espécie de couraça que o protege. Foge-se do amor com medo de se ficar dependente do outro (CYRULNIK, 1995). Esquece-se que só se torna autônomo quem é dependente (MORIN, 2007c). Ou seja, as pessoas só podem se tornar elas mesmas graças ao outro, porque ele as faz perceber quem são (CYRULNIK, 1995). “O homem se torna eu na relação com o tu.” (BUBER, 2001, p. 32).

Da mesma forma que o homem de negócios reduz as estrelas a números, o profissional de saúde, muitas vezes, reduz o ser humano a um número ou um dado. A pessoa passa a ser um número de um quarto ou uma informação no prontuário. Leloup (2009, p. 28) alerta para o fato de que “[...] a pessoa não é somente um caso, uma enfermidade, a doença do quarto 23, mas se trata de alguém, de um ser”. Assim como o homem de negócios, o profissional de saúde pode ser movido pelos ideais da sociedade de consumo. Os seres humanos ocupam os papéis de paciente, cliente, usuário. Paciente é aquele que está resignado, que está conformado, que espera alguma coisa. Cliente: compra algum produto ou serviço. Alguém que usufrui de alguma coisa a que tem direito, esse é o sentido da palavra usuário. Em síntese, o ser humano que procura uma instituição de saúde muitas vezes é visto apenas como um consumidor que espera, usufrui, compra um serviço.

Está sendo estabelecida uma relação pobre de vida, carente de afeto, desprovida de emoções e sentimentos entre profissional e usuário. Uma relação que se reduz a alguém que vende um serviço para cuja prestação tem competências e habilidades técnico-científicas: o profissional é alguém que precisa desse serviço, por isso o compra: o paciente/o usuário/o cliente. É importante refletir sobre esses detalhes. “Podem parecer pequenos detalhes, mas a vida é feita de pequenas particularidades, da mesma forma que a felicidade. E, talvez a cura passe por estes detalhes.” (LELOUP, 2009, p. 28).

O profissional de saúde tem mais uma semelhança com o homem de negócios: a couraça para protegê-lo dos relacionamentos interpessoais. O médico para se defender da ternura cria uma couraça: não deve sentir como sua a dor do paciente (RESTREPO, 1994). “No meio médico, às vezes, nós fazemos como que uma blindagem em nós mesmos. Há tanto sofrimento que, para não se deixar levar, podemos nos endurecer, criando uma armadura em nossa volta.” (LELOUP, 2009, p. 69).

Deixa-se de observar que “os que evitam o apego para evitar a infelicidade evitam, também, a felicidade” (MORIN, 2010, p. 332). Trata-se de uma questão muito intrigante para os profissionais de saúde: como se envolver com os sofrimentos, as dores, as angústias do outro sem deixar que isso prejudique a produção do cuidado em saúde? Leloup (2009, p. 69) pode ajudar a responder: “O nosso coração é como uma esponja. Quando necessário, tomamos a dor do outro como se fosse nossa, mas, como ela não nos pertence, não vamos guardá-la, então, é preciso espremer a esponja”.

A clínica ampliada coloca-se como uma das alternativas tanto para superar a relação tecnicista, racionalista, entre profissional e usuário bem como para produzir ações em saúde que não se centrem na doença. A clínica ampliada, conforme o Ministério da Saúde (BRASIL, 2007), preocupa-se com o sujeito que está doente, não com a doença do sujeito. O ser humano não é visto como um ser com múltiplas dimensões, que tem subjetividade, sentimentos e emoções, uma cultura, uma afetividade, uma família, um

emprego, enfim uma história singular que deve ser levada em consideração para o tratamento da sua doença.

Não existe clínica ampliada se o profissional de saúde não cria o espaço para que o usuário deixe de ser um mero caso clínico e seja ele mesmo, um ser humano. Na clínica ampliada, o profissional entende que afetos e vínculos inevitavelmente são tecidos no momento em que um atendimento está sendo realizado (BRASIL, 2007). Não há como separar o ser profissional do ser humano. Confunde-se dissociar com distinguir. Dissociar: separar, fragmentar, dividir. Distinguir: diferenciar, assinalar, marcar. É preciso distinguir até onde vai o ser profissional no ser humano e de que modo o ser humano está no ser profissional. Mas é impossível dissociar, fragmentar, dividir, separar um do outro. Há uma fronteira tênue entre ser profissional e ser humano. Não se pode eliminar a fronteira. É preciso entender que muitas vezes um vai invadir o espaço do outro e que, provavelmente, será isso que fará o profissional ser capaz de enxergar o outro como humano.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

O rei e o homem de negócios simbolizam o ser humano no século XXI, movido pela autoridade científica e pelos ideais da sociedade de consumo. Pensa que tudo pode ser explicado racionalmente, que a ciência é a única resposta para as questões da humanidade, por isso suas ordens devem ser seguidas sem contestação. Pensa que tudo pode ser quantificado, traduzido em números.

O rei e o homem de negócios estão personificados nas ações cotidianas dos indivíduos, inclusive no exercício de uma profissão. Na saúde, podem ser facilmente identificados. O profissional que deseja que suas orientações sejam fielmente seguidas pelos usuários, sem quaisquer questionamentos. A fragmentação do ser humano em sistemas ou em órgãos ou sua redução a uma patologia são exemplos das certezas criadas pela ciência. A fragilidade das relações entre profissional e usuário exemplifica a postura do homem de negócios na saúde. Por ter medo de se envolver, esconde-se no tecnicismo, na objetividade, no racionalismo, na negação da afetividade, no desprezo dos sentimentos e das emoções.

O romance *O pequeno príncipe* conduz a uma reflexão poética e filosófica sobre essa questão. A literatura tem essa magia de humanizar, de fazer o indivíduo imergir nas profundezas de sua condição humana. E de fazer emergir mais dele mesmo, conhecendo os limites, as virtudes, as dores, os prazeres, o *sapiens* e o *demens* que o habitam. A literatura pode se constituir numa estratégia pertinente a ser utilizada na formação dos profissionais de saúde não apenas na graduação, mas na educação permanente. Pode consistir em um caminho a ser trilhado pelos profissionais de saúde para se (re) encontrar com sua essência humana e, então, reconhecer o outro como humano.

### REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria da Conceição Xavier de. Ciência, tecnologia e globalização: novos cenários para velhos problemas. In: CARVALHO, Edgar de Assis; MENDONÇA, Teresinha (Org.). **Ensaio de complexidade 2**. Porto Alegre: Sulina, 2003a. p. 19-29.

\_\_\_\_\_. Introdução. In: ALMEIDA, Maria da Conceição Xavier de; KNOBB, Margarida; ALMEIDA, Angela Maria de (Org.). **Polifônicas idéias: por uma ciência aberta**. Rio Grande do Sul: Sulinas, 2003b. p. 284-311.



BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Clínica ampliada, equipe de referência e projeto terapêutico singular**. 2. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2007.

BUBER, Martin. **Eu e tu**. 8. edição. São Paulo: Centauro, 2001.

CYRULNIK, Boris. **Falar de amor à beira do abismo**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

\_\_\_\_\_. **Os alimentos do afeto**. São Paulo: Ática, 1995.

ESPERIDIÃO, Elizabeth. **Holismo só na teoria**: a trama dos sentimentos do acadêmico de enfermagem sobre sua formação. 2001. 106 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP, 2001. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/22/22131/tde-06112001-115453/pt-br.php>>. Acesso em: 10 jan. 2011.

LELOUP, Jean-Yves. **Uma arte de cuidar**: estilo alexandrino. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

\_\_\_\_\_; BOFF, Leonardo. **Terapeutas do deserto**: de Fílon de Alexandria e Francisco de Assis a Graf Durckheim. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

LUZ, Madel. Fragilidade social e busca de cuidado na sociedade civil de hoje. In: PINHEIRO, Roseni; MATTOS, Ruben Araújo de (Org.). **Cuidado**: as fronteiras da integralidade. Rio de Janeiro: Hucitec, 2004. p. 9- 20.

MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política**. 3. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

MORIN, Edgar. **O método 6**: ética. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2007a.

\_\_\_\_\_. **O método 5**: a humanidade da humanidade: a identidade humana. 4. ed. Porto Alegre: Sulina, 2007b.

\_\_\_\_\_. **Ciência com consciência**. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007c.

\_\_\_\_\_; TERENA, Marcos. **Saberes globais e saberes locais**: o olhar transdisciplinar. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

\_\_\_\_\_. **A cabeça bem feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

PAUL, Patrick. **Formação do sujeito e transdisciplinaridade**: história de vida profissional e imaginal. São Paulo: Centro de Estudos Marina e Martin Harvey, 2008.

RESTREPO, Luís Carlos. **O direito à ternura**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O pequeno príncipe**. São Paulo: Agir, 2007.